

Histórias de pernas para o ar¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

“Olá, Gata Borracheira, eu sou o teu fado padrinho. Queres então ir ao baile, não é verdade? E submeter-te ao conceito masculino de beleza? Espremer-te num vestido tão justinho que te prejudique a circulação sanguínea? Apertar os pés nuns sapatos de salto alto que destruam a tua estrutura óssea? Pintar a cara com produtos químicos e cosméticos que foram testados em animais?”

É o que mais quero no mundo! — respondeu ela, sem hesitação”.

Por certo, o leitor identificou este excerto como pertencendo à “Gata Borracheira”, uma história bem conhecida. Porém, está tudo de pernas para o ar: em vez de uma fada madrinha, temos um fado padrinho, e o maravilhoso tom de lenda foi substituído por um discurso feminista e a favor dos direitos dos animais. Trata-se de um passo do desconcertante livro *Histórias Tradicionais Politicamente Correctas*, de James Finn Garner, que subverte lendas e narrativas, adaptando-as ao mundo atual.

Ao longo dos séculos, numerosos autores têm adaptado textos de outros, em tom de paródia. Também o escritor aprendiz pode exercitar a imaginação, brincando com os clássicos da literatura infantil e juvenil. Basta seguir algumas dicas simples, para obter um efeito tão inesperado quanto divertido!

Uma técnica consiste em inverter os papéis tradicionalmente atribuídos às personagens: imagine que o Lobo Mau passa a ser uma criatura ingénuo, e a Menina do Capuchinho Vermelho uma rapariga atrevida, que usa a escuridão da floresta para seduzir. Na mesma linha, é também possível transformar o vilão na vítima e vice-versa: por exemplo, algures nas montanhas do norte, o Gangue dos Três Porquinhos aterroriza uma pacata alcateia de lobos.

Outra hipótese: brinque com figuras históricas, mudando-lhes o sexo, a profissão, a raça. Cathy Birch, perita em técnicas inovadoras, sugere que se transforme o terrível monarca inglês Henrique VIII numa mulher; a cantora Tina Turner, numa velha meretriz; e o ativista dos direitos humanos Ghandi, num índio da América do Norte.

Por fim, modernize a história que escolheu adaptar, incluindo aspetos da sociedade e da tecnologia contemporâneas. No “Poema da Autoestrada”, o escritor António Gedeão modifica radicalmente o texto de Luís de Camões “Descalça vai para a fonte, / Leonor pela

¹ Mancelos, João de. “Histórias de pernas para o ar”. *Os meus livros* 106 (jan. 2012): 38.

verdura / Vai formosa e não segura”. Leonor já não é uma plácida donzela à espera do seu querido, num jardim aprazível; agora, viaja de lambreta, agarrada ao namorado, rumo à praia. Esta adaptação faz sentido, porque os tempos e as convenções mudam. Apostava até que, hoje, o Príncipe Encantado não montaria num cavalo, mas numa mota de alta cilindrada.

Alguns teóricos literários argumentam que todas as histórias já foram contadas e que um autor atual se limita a reescrevê-las. Isso não significa que não exista um amplo espaço para desenvolver a criatividade. Afinal, o escritor é uma gralha que vai colhendo ideias neste e naquele texto, para construir o ninho da imaginação.